

FARJALLAT, Célia Siqueira. Ruy Novaes. Correio Popular,
Campinas, 31 mar. 2000.

Ruy Novaes

CÉLIA SIQUEIRA FARJALLAT

A morte de Ruy Novaes deixou-me realmente muito triste. Lembrei-me do prefeito, a quem entrevistei várias vezes em meus tempos de repórter, aqui mesmo do **Correio**. Faz tempo isso. Lembrei-me do homem bem educado, um gentleman, raridade hoje em dia.



Sabia que as demolições, que teve de ordenar, faziam parte de um plano urbanístico. Mas, confesso, com uma pontinha de revolta, que me doeram as demolições do Teatro Municipal e da Igreja do Rosário. Aceitei-as, claro. Mas, andei, por muito tempo, bem "sentida" (que era o termo exato) com o fato, e evitava passar perto das ruínas.

Com os anos, veio a compreensão mais aguda dos fatos, e reconciliei-me com o velho amigo. Aliás, gostava de todos os seus familiares, da mãe, professora, há muito falecida, e da filha, Sônia, advogada inteligentíssima, viúva de meu primo Plínio Moraes, sociólogo, pesquisador, escritor da Unicamp.

Todas estas circunstâncias, mais a compreensão de que Ruy Novaes foi sempre empreendedor e de rigorosa honestidade, levaram-me a ter saudades de seu trabalho à frente da Prefeitura Municipal de minha cidade. Acompanhei ainda os passos do projeto História da Administração de Campinas, e a exposição Retratos dos Prefeitos de Campinas, organizada pela Prefeitura e pelo Ateliê de Arte e Restauro Aldo Cardarelli. A mostra foi aberta em 8 de dezembro de 1996, no Lago do Café, constituindo-se um sucesso. Os quadros expostos e todo o material procuravam resgatar os 200 Anos de administração de Campinas.

Entre as telas, lá estava a de Ruy Novaes, e recordo-me bem dela e de outras. Depois disso, não o vi mais. Soube de suas atividades voltadas à lavoura, do plantio de seringueiras, de sua vida em contato com a terra, e pensei: ele soube escolher a melhor ocupação do mundo. Vai ser muito feliz, longe dos enredos e dificuldades da administração, principalmente da política municipal. Afinal, manejar o leme nos tempos tempestuosos de hoje não é brincadeira. Quanto desgaste, quanta contrariedade, quantos enredos e toneladas de inverdades.

Há meses, tive vagas notícias de Ruy Novaes: andava doente, cansado. Há dois dias foi o fim. E como o jequitibá, que ele tanto admirava no jardim da Prefeitura, Ruy Hellmeister Novaes baqueou. Partiu com simplicidade, sem alarde nem confusão. Que Deus o guarde, amigo!

C. rop.

Célia Siqueira Farjallat, cronista do **Correio**, escreve nesta página às segundas, quartas, quintas e sextas